

PRÁTICAS POÉTICO-PEDAGÓGICAS COM COLAGEM TÊXTIL NO PIBID ARTES VISUAIS UFPEL

BRUNO ZEFERINO DA SILVA¹; NAUITA MARTINS MEIRELLES².

LISLAINE SIRSI CANSI³:

¹*Universidade Federal de Pelotas – borunoarte@gmail.com*

²*EMEF Olavo Bilac – nauita.martins@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – lislaine.cansi@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Entre os meses de maio e junho de 2025, desenvolvi, junto de três colegas, Helena Soares Outeiro, Júlio Härter Reinehr e Vitória Bressan Debom, uma prática pedagógica com duas turmas do 3º ano, de aproximadamente nove anos de idade, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac, localizada no bairro Fragata, em Pelotas - RS. Essa prática só foi possível graças ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Artes Visuais/UFPEL, que promove aos estudantes de licenciatura a oportunidade de desenvolverem experiências docentes durante a graduação. Inspirado no trabalho “Profecias” (2018-2021) do artista Randolpho Lamonier (1988), propusemos aos estudantes a criação de bandeiras com frases proféticas sobre o futuro, utilizando a arte como linguagem de escuta, imaginação e crítica.

A proposta era pensar no que gostaríamos de ver mudar no mundo e transformar isso em palavras coladas em tecido. A atividade se desdobrou em conversas, momentos de escuta, construção coletiva de frases e produção manual de bandeiras utilizando retalhos, miçangas e tecidos. No processo, surgiram diversas frases, mas uma delas me tocou de forma especial: “Em 2027, nas escolas todas as aulas serão divertidas como o recreio.”

Criadas pelos estudantes, as frases dizem muito sobre como as crianças percebem a escola, o cotidiano e o mundo, traduzindo o que desejam deles. Mais liberdade, mais prazer, mais brincadeiras e mais sentido. Esse trabalho se apresenta como um relato de experiência e, ao mesmo tempo, como uma reflexão crítica, dialogando com autores como Paulo Freire (1974), bell hooks (2017), Fernando Hernández (2000) e o próprio artista Randolpho Lamonier (2018). Ao criar suas bandeiras, os estudantes fizeram arte, mas também imaginaram futuros possíveis e se reconheceram como sujeitos criadores.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A experiência foi dividida em cinco encontros, cada um com um papel específico dentro do processo criativo e pedagógico. Iniciei com uma aula teórica, onde apresentei, por meio de textos e imagens impressas, a série “Profecias” (2018-2021), em que o artista Randolpho Lamonier (1988) reflete questões políticas e críticas acerca do viver contemporâneo. Propus à turma que refletisse sobre seus próprios gostos e desejos a partir de quatro disparadores: “gosto”, “não gosto”, “desejo” e “não quero”. Um a um, os estudantes se dirigiram ao quadro e preencheram uma tabela coletiva, adicionando pelo menos duas palavras ou frases. A tabela se tornou um espelho da turma, onde as divergências e semelhanças ajudaram a pensar como poderíamos traduzir uma identidade coletiva em uma única bandeira.

Na semana seguinte, retomamos as palavras no quadro e iniciamos a criação das profecias, frases de desejos para o futuro, inspiradas nas produções do artista de referência. Cada estudante teve a chance de escrever no quadro uma sugestão de frase, livremente inspirada em seus desejos. As ideias iam desde a invenção de máquinas do tempo até o fim de todas as guerras, passando pelos mais diversos temas e provocando muitas risadas e comentários durante a dinâmica. A criação de frases foi mediada por uma escuta que não corrigiu o que poderia parecer “incorreto”, mas acolheu as possibilidades que surgiam indicando adequações.

Ao final da aula, fiz uma votação para escolher, democraticamente, quais frases seriam transformadas em bandeiras. Três foram selecionadas pelas turmas: “Em 2026 não haverá mais guerras”, “Em 2027, nas escolas todas as aulas serão divertidas como o recreio” e “Em 2030 não haverá sofrimento para os seres vivos”. As frases criadas pelas crianças são registros da sua leitura de mundo. Elas apontam para questões complexas com uma clareza que a infância consegue sustentar. Como nos lembra Paulo Freire (1974), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as condições para que ele seja produzido. Aqui, foram as próprias crianças que criaram as condições para dizer o que pensavam, e, através da subjetividade, se posicionaram politicamente.

A terceira aula foi dedicada à produção das letras que formavam essas frases. Dividi as palavras letra por letra e, por meio de um sorteio, cada estudante ficou responsável por desenhar e recortar uma ou mais letras. Os retalhos de tecido foram distribuídos e começaram a surgir letras de todos os tamanhos, cores e formas. Algumas cheias de pontas, outras cuidadosamente recortadas, algumas gigantes enquanto outras mal conseguíamos ver. Era possível perceber, nas pequenas decisões, a singularidade de cada estudante dentro de um projeto coletivo, critério essencial para a produção de sentido nas aulas de arte.

Na quarta aula, cada criança deveria fazer um desenho-projeto da bandeira. Com papel, canetinhas e lápis de cor, elas esboçaram como imaginavam a montagem final desse trabalho. Reforcei a importância da composição, da organização visual e da clareza das palavras para que o trabalho fosse compreendido pelos demais. A atividade serviu para visualizar o conjunto e também para desenvolver noções de proporção, ritmo e hierarquia na linguagem

visual. Antes de finalizar a aula, falei mais uma vez sobre o trabalho de Lamonier, agora com foco na potência das palavras e na força política do trabalho que estávamos desenvolvendo.

Por fim, na última aula, as bandeiras ganharam corpo. Em um tecido grande estendido no chão da sala, os estudantes organizaram as letras já prontas, discutiram o lugar de cada uma, fizeram ajustes e deram forma à composição. Um ajudava a colar, outro media a distância entre as palavras, outro sugeria um detalhe estético e assim o trabalho foi ficando cada vez mais subjetivo, ao mesmo tempo em que era totalmente coletivo. O ambiente da sala de aula naquele dia parecia o próprio recreio, cheio de movimento, vozes, gritos, conflitos e decisões a serem tomadas. Como aponta bell hooks, essa abertura para o desejo e para o prazer de aprender é o que faz da educação um espaço de transformação real.

Ao final, as bandeiras foram expostas na escola, visíveis para toda a comunidade escolar, como é possível ver nas Figuras 1 e 2. Essas frases são ocupações físicas e também simbólicas do espaço, que marcam presença nos corredores da escola e deslocam o que se espera de uma aula de artes convencional. São signos que atravessam o cotidiano, através de pequenos estandartes desejando um futuro que se escreve agora, pelas mãos de quem quase nunca é escutado.



Figura 1 - Bandeira A3A. 2025. Fonte: Acervo Pessoal



Figura 2 - Bandeira A3B. 2025. Fonte: Acervo Pessoal

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto das bandeiras proféticas nasceu da vontade de escutar as crianças e dar a elas um espaço para dizer o que quisessem. Mas o que se desenrolou ali foi uma pedagogia do encontro, com a arte, com o outro, com o desejo e com o mundo.

A prática reafirmou a potência do ensino de arte como espaço de criação e escuta coletiva, onde o tempo do fazer importa tanto quanto o resultado, e onde a partilha dos sentidos e sensibilidades é parte do próprio processo. Os estudantes

participaram de uma sequência de atividades onde construíram, em camadas, uma linguagem comum cheia de significados.

Essa experiência também me reposicionou como educador. Compreendi que planejar é importante, mas ouvir e se adaptar é essencial. Uma prática artística só se torna potente quando faz sentido para quem a realiza, e esse sentido precisa emergir de dentro, da conversa, da escuta, do cotidiano. O planejamento foi adaptado de aula a aula, a depender do ritmo e da energia das turmas. Entendi, nesse processo, que tempo, escuta e adaptação são os pilares da educação sensível.

Fernando Hernández (2000) propõe que o ensino de arte se baseie em projetos que dialoguem com os contextos dos estudantes, e não apenas com conteúdos curriculares. A experiência das bandeiras buscou isso, uma construção coletiva, ancorada em desejos reais, e que ofereceu aos alunos novas linguagens, materiais e modos de dizer o que sentem. A aula de arte desenvolvida dessa forma transforma a escola, possibilitando outras perspectivas do educar.

As frases criadas, os retalhos, os desenhos de organização espacial, os debates em torno de qual frase definiria a turma, tudo isso compôs uma ação coletiva de autoria, reconhecimento e pertencimento. Ao final, a frase que ecoou nos corredores gritando “em 2027, todas as aulas serão tão divertidas como o recreio”, não era mais só uma profecia infantil. As crianças não estavam só brincando com palavras, estavam dizendo que esperam mais da escola. Foi um aviso, ou até mesmo uma aposta. Uma aposta de que uma outra escola é possível, e que, talvez, ela já tenha começado, justamente naquele dia em que a aula virou bandeira.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1974. 256p.

HERNANDEZ, F. **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. 264p.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p.

LAMONIER, R. Acessado em 16 de jul. de 2025. Online. Disponível em: <https://www.randolphlamonier.com>